



A PELE DO SOBREIRO

Resenha do livro: GARCÍA PEREDA, Ignacio. “Diccionario ilustrado del corcho”. Lisboa: Euronatura; Aranjuez: Doce Calles, 2015.



Ignacio García Pereda es ingeniero de montes por la *Ecole nationale du Génie rural des Eaux et des Forêts* (ENGREF) de Nancy. Está acabando su tesis de doctorado en la Escuela de Montes de Madrid, con un trabajo sobre historia forestal sobre la figura del primer ingeniero de montes de España, Agustín Pascual (1818-1884). Desde 2006 es Forest Campaigner de la ONG Euronatura (Lisboa), donde ha trabado en la creación del Laboratorio de Historia y Política Forestal. Con el Laboratorio, el primer grupo de trabajo dedicado a estos dos temas en el país luso, ha coordinado varios proyectos internacionales, publicando libros en Portugal (Joaquim Vieira Natividade (1899-1968): *Ciência e Política do Sobreiro e da Cortiça*, 2008; Mário de Azevedo Gomes (1885-1965): *Mestre da Silvicultura Portuguesa*, 2012; Junta Nacional da Cortiça (1936-1972), 2009), en Francia (*Les femmes et le liège*, 2014; *Dictionnaire Illustré du Liège*, 2013) y en España (*Mujeres Corcheras*, 2011).

Trabalhadores da tiragem, começam o seu dia de trabalho depois de afiar os seus machados, em Azaruja, Évora (Portugal).

Melisa Pesoa Marcilla

Arquitecta e Mestre em Investigação em Urbanismo, Departamento de Urbanismo y Ordenación del Territorio (DUOT) UPC, melisa.pesoa@upc.edu

1. INTRODUÇÃO

Disfarçado de dicionário, num formato pequeno e de ágil leitura, Ignacio García apresenta-nos o fruto de vários anos de intensa pesquisa sobre a atividade corticeira no Sudoeste europeu. A compilação da informação para construir um *corpus* sobre um material tão amplamente utilizado, mas por vezes desconhecido, têm-no levado a percorrer não só montados e unidades industriais, como também arquivos, bibliotecas, museus, aproveitando as viagens para conversar com famílias de Espanha, Portugal e França vinculadas à produção corticeira.

O sobreiro é uma árvore típica do Mediterrâneo, que gera naturalmente uma pele que o protege do fogo, o principal perigo das florestas destas latitudes. Assim, um revestimento isolante poroso que incha com a passagem do tempo, a cortiça, cobre a madeira da árvore. Esta pele só pode ser removida pela primeira vez quando a árvore tem pelo menos 40 anos, e a partir da primeira extração é preciso aguardar pelo menos outros 9 anos para a seguinte, para permitir à árvore regenerar essa capa.

Como observa o autor, a origem do uso da cortiça é muito remota na história. No entanto, a sua utilização tornou-se generalizada há apenas três séculos, principalmente através do que todos temos na memória: a rolha da cortiça. Mas além disso, o mesmo material tem usos e aplicações extremadamente diversos, que vão desde a utilização na pesca ou na fabricação de papel, ao vestuário ou à arquitetura.

O autor apresenta cerca de cinquenta vozes diretamente relacionadas com a cortiça, que constituem toda uma cultura em torno deste material. Também inclui uma infinidade de ilustrações que ajudam o leitor a compreender o mundo da cortiça e não só servem de complemento ao texto, como constituem o próprio texto. Por outras palavras, poderíamos dizer que existem dois textos neste livro: o próprio texto e aquele que pode ser lido através das imagens. Porque a imagem não representa só o material, mas ajuda a criar uma consciência coletiva em torno dele. Desde os cartazes que promovem o champanhe (cava) catalão até aos anúncios dos designers portugueses de vanguarda, que oferecem vários tipos de elementos de “design” feitos de cortiça.

E são essas diversas utilizações as que tornam este material uma espécie de laço entre a indústria e a paisagem. Esta “pele”, que cobre o sobreiro e o protege do fogo, tem conseguido unir os trabalhadores da “tiragem” (o processo de remoção da casca da árvore), indústrias de processamento do material, as produtoras de vinho, champanhe e até mesmo perfumes, aos arquitetos e designers, aos governos, gestores florestais, poetas, artistas e cartógrafos. É dessa forma que um único objeto tece mil histórias que nos ajudam a compreender melhor a construção de uma paisagem cultural específica.

Interessa-nos, portanto, pôr o foco em dois aspectos que desencadeia a leitura deste livro. Por um lado, o fato de analisar um objeto relacionado com a história cultural duma sociedade, o que nos leva a abordar de alguma forma a história da cultura material. Por outro lado, como um objeto que parece inocente, tece uma rede de relações ao nível do território, criando uma passagem cheia de identidade, que vale a pena estudar, valorizar e proteger.

2. PARA UMA HISTÓRIA CULTURAL DE CORTIÇA

O livro propõe uma viagem através da história, a produção e a utilização da cortiça, resgatando termos específicos (tiragem, chinelos, manijero, rolha de garrafa, escolhedoras, subericultura...) e iconografia (publicidade, pinturas, textos literários, fotos...). Situa, portanto, a cortiça não como objeto isolado, entendida puramente do ponto de vista técnico, mas propõe começar a construir uma história cultural em torno da cortiça.

“Los valientes alcornoques despedían de sí, sin otro artificio que el de su cortesía, sus anchas y livianas cortezas, con que se comenzaron a cubrir las casas, sobre rústicas estacas sustentadas, no más que para defensa de las inclemencias del cielo.”

Miguel de Cervantes. Don Quijote de la Mancha

A cortiça só pode ser removida pela primeira vez quando a árvore tem pelo menos 40 anos, e a partir da primeira extração é preciso aguardar pelo menos outros 9 anos para a seguinte, para permitir à árvore regenerar essa capa.



Há alguns anos, um grupo de investigadores (Aliata et al., 1992) recordava a situação que propunha Walter Benjamin para explicar o conhecimento através de formas menos frequentes. Benjamin argumenta que *como passou uma noite com hóspedes é algo que, aquele que fique até o final da noite, poderá apreciar só com olhar à posição dos pratos e copos, as taças e fontes*. Com esta situação podem definir-se claramente duas abordagens da história: uma história que estaria interessada nos objetos, na classificação e descrição da louça, e outra que tivesse deixado do lado os objetos para se concentrar nas biografias dos comensais, comentários sobre a noite, etc.

Nestas duas abordagens o objeto aparece como um produto duma cultura. Mas o que aconteceria se esses objetos não fossem uma consequência da cultura e, portanto, uma fonte de informação, senão que estudássemos o objeto de forma que a cultura em torno dele fosse a fonte?

Esta abordagem, a da história da cultura material, é, talvez, um campo mais aberto, onde tem lugar o encontro de diversas áreas do saber. A articulação entre as várias disciplinas (desde a técnica até à poesia) permite expandir o nosso horizonte de indagação sobre a história de um determinado objeto.

O autor desenvolve esta abordagem ao longo de todo o trabalho e consegue esbater as fronteiras entre os aspectos puramente técnicos e os mais poéticos da cortiça, articulando detalhes tecnológicos específicos, com o desenvolvimento económico e a organização de setores sociais dedicados à indústria corticeira. Aparecem assim, personagens destacados na utilização e difusão do material, publicidade e até crenças míticas sobre o sobreiro, a presença dele na arquitetura culta e vernácula, as questões relacionadas com o declínio na produção de cortiça em Espanha e assim por diante. A conjugação deste sem-número de elementos num texto delimitado gera uma síntese do mundo “suberícola”, acessível tanto para profissionais da silvicultura, como para o público em geral interessado no assunto.

3. DA CORTIÇA À PAISAGEM

O sobreiro cresce principalmente na Península Ibérica e Norte de Marrocos e, em menor escala, em França e Itália e no resto do Norte de África. Portugal e Espanha têm as maiores extensões de sobreiro da Europa (670.000 e 500.000 hectares, respectivamente).

A “tiragem” (ato de remover a casca da cortiça) é uma atividade tão especializada que apenas força de trabalho cuidadosamente selecionada pode fazê-la. A maior dificuldade reside em conhecer muito bem as árvores e não feri-las com o machado para remover a cortiça. É uma arte que tem passado de geração em geração e está intimamente ligada à população local, e que é feita apenas durante os meses de verão, com a ajuda de mulas de carga em algumas províncias, como Cádiz.

Assim, as florestas de sobreiro têm ajudado a gerar na parte ocidental da península ibérica um tipo de exploração característica, chamada montado (dehesa, em espanhol). O montado é uma floresta de sobreiro (ou azinheiras ou outras espécies), com uma área de floresta ou pastagem que tem se tornado mais clara para a combinação da silvicultura com outras atividades, como a criação de gado ou a caça. É um tipo de exploração multi-produtiva ligada a muitas indústrias.

Quase da mesma forma que Patrick Geddes (1915) explicava a sua secção do vale através de diferentes atividades económicas ligadas ao território, a produção de cortiça, juntamente com o montado, constrói um sistema de relações que vão desde a mão de obra local até à indústria do vinho ou do champanhe, ou à indústria de painéis de aglomerado negro. Uma cadeia de produção ligada à cultura ibérica. Constitui, portanto, sem dúvida, uma paisagem cultural tal como foi denominada pelo Carl Sauer (1925): *As obras do homem são expressas na paisagem cultural [...] A paisagem natural, é claro, tem uma importância fundamental, pois fornece o material de que é formada a paisagem cultural. A força de moldagem, no entanto, reside na própria cultura.*

O montado, e por extensão a produção de cortiça do sobreiro, contribui para o desenvolvimento rural, evitando o abandono das terras, mantendo o ecossistema e promovendo a diversidade. Também ajuda a controlar a erosão que ocorreria se se cortassem as árvores.

Apesar destes benefícios, Pérez (2010) afirma que a recente valorização do montado pelas instituições do património natural em Espanha, tem levado à ampliação dos valores ambientais e formais do mesmo, em detrimento da sua funcionalidade como uma área produtiva. E assim, impõem-se muitas mais restrições à produção do que ao turismo e às atividades recreativas. Por outras palavras, produz-se um desequilíbrio entre a atividade produtiva e a recreativa que gera uma mesma paisagem cultural.



Cartaz catalão da época da Guerra Civil Espanhola contra o contrabando de cortiça.

És així que es fa la llevada,
de bon matí i al bat del sol.
Amb la saba ben desvetllada,
al tocar les peces, ja cau en al sòl

No cal pas el tall de la picassa,
amb el bisell del mànec n'hi ha prou
i la cabra diu a l'ocell que passa:
- És fàcil llevar, com fer tenir dret un ou!

Però l'arbre ja sembla que plora,
vermell de sang com un home escorxat,
l'arbre que té un cor que enamora,
pagant amb escreix als qui l'han torturat.

Que visqui aquest arbre extraordinari,
l'únic que té aquesta condició:
la de donar el seu abric poc ordinari
cada vuit o deu anys. Que Déu n'hi do!

Autor desconhecido



Extração de rolhas de cortiça duma peça de sobreiro.

Se estes são os problemas do montado ao nível do conjunto, o sobreiro em particular, não escapa às ameaças do próprio negócio. Espanha concentra 30% da produção mundial de cortiça e, além de que a fabricação de rolhas representa apenas 15% do peso total da cortiça extraída, esta constitui 80-85% do negócio ligado à cortiça. É por isso que, a cada vez mais crescente substituição das rolhas de cortiça por outras rolhas como as sintéticas de plástico, representa uma enorme ameaça para a sustentabilidade da indústria corticeira.

Uma das principais desvantagens das rolhas sintéticas face às de cortiça natural é a sua falta de memória elástica, que perdem passado alguns meses, podendo alterar a qualidade do produto engarrafado. Enquanto este novo produto representa um opositor temível para a indústria da cortiça, também é verdade que ele conseguiu em certa medida, reduzir o aumento de preços que estava sofrendo o produto natural, forçando os produtores a procurar diferentes utilizações para esse versátil material, trazendo novas alternativas de aproveitamento.

O estudo da produção de cortiça deixa-nos, portanto, duas grandes questões. A primeira, sobre o futuro da indústria, a coexistência pacífica ou não, com as novas rolhas plásticas e a procura de novas possibilidades e usos para este material. A segunda, mais geral que nasce da dificuldade específica da indústria, tem a ver com as alternativas do montado como lugar de produção de cortiça e habitat do sobreiro.

Com relação a esta segunda questão, e retomando as palavras de Sabaté (2002) referentes ao Plano de Ordenamento Insular da Ilha de Tenerife, certamente reconhecer as formas de organização do território rural poderia ajudar-nos a encontrar padrões de organização para o futuro porque ... *na identidade do território é e deve ser fundada a sua própria alternativa*.

O livro de García convida-nos a refletir sobre como um elemento da natureza, algo tão singular e, talvez, de pequena escala, tem implicações a vários níveis que vão desde a organização da mão de obra numa região, a ordenação do solo, dos usos e ocupação, até as atividades produtivas, a economia regional e nacional e a inovação tecnológica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIATA, F. (1992) *"La lengua de las cosas: Cultura material e historia"*. Em: Area, agenda de reflexión en arquitectura, diseño y urbanismo. Buenos Aires, vol. 1, pp. 5-17.

GEDDES, P. (1915). *"La sección del valle desde las colinas hasta el mar"*. Em: GEDDES, Patrick. Ciudades en evolución. Buenos Aires: Infinito, 1960. (original en inglés de 1915)

PÉREZ, R. S. (2010). *"La dehesa vista como paisaje cultural. Fisonomías, funcionalidades y dinámicas históricas"*. Em: Ería. Revista cuatrimestral de Geografía, nº82.

SABATÉ, J. (2002). *"En la identidad del territorio está su alternativa"*. Em: Revista Ingeniería y Territorio, Barcelona, nº 60, pp. 12-19.

SABATÉ, J.; GALINDO, J. (2009). *"El valor estructurante del patrimonio en la transformación del territorio"*. Em: Revista Apuntes, vol. 22, nº1, Bogotá, enero-junio, pp. 20-33.

SAUER, C. (1925). *"The morphology of landscape"*. Em: Leighly, John (ed.). Land and life: a selection from the writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley: University of California Press, 1963 (o texto original es de 1925).

SORIA I PUIG, A. (1989). *"El territorio como artificio"*. Em: Revista Obra Pública, nº11.

WILLIAMS, R. (1985). Keywords: A vocabulary of culture and society. New York, Oxford University Press. Voz: Culture, pp.87-93.

Nota: Agradecemos a Alexandra Baptista a revisão do texto em português. As imagens reproduzidas pertencem ao livro resenhado.



Trabalhadora de uma fábrica de rolha de garrafa (corcholata, em espanhol), uma invenção de 1891, que consistiu em uma folha de cortiça envolta em uma folha de metal fino, usada no engarrafamento de refrigerantes na época.